



NOTAS DE LIVROS SOBRE ASSUNTOS VARIADOS

Hitoshi NOMURA

Vamos resenhar uma série de livros sobre variados assuntos, como ornitologia, ciências, folclore, viagens, jagunços, etc, publicados recentemente.

Sick, Helmut. 2001. *Ornitologia Brasileira*. Edição revista e ampliada. por José Fernando Pacheco. Capítulos especiais escritos por Jurgen Haffer e Herculano F. Alvarenga. 4ª Impressão, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 862 pp., il., + 47 pranchas.

Helmut Sick foi um grande ornitologista, nascido em Leipzig, Alemanha, em 10 de janeiro de 1910 e falecido no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de março de 1991. Ele estudou ciências naturais nas Universidades de Königsberg, München, Leipzig e Berlin. Em março de 1937 Helmut se doutorou pela Universidade Friedrich Wilhelm, de Berlin, com tese sobre plumagem das aves como unidade aerodinâmica.

Em 1939 ele chegou ao Brasil, junto com Adolf Schneider, (diretor de uma escola em Berlin) para coletar aves para o Museu de Zoologia da Universidade de Berlin. Entretanto, em 1942 ele foi acusado de ser espião dos nazistas e enviado para o presídio da Ilha Grande, onde ficou preso durante dois anos e nove meses, até dezembro de 1944. No presídio ele estudou pulgas, formigas e cupins, para se distrair.

A Fundação Brasil Central o contratou como naturalista em junho de 1946, tendo feito excursões em Goiás e Mato Grosso. Em 1952 ele

se naturalizou brasileiro e, em 1956, o CNPq concedeu-lhe uma bolsa, que vigorou durante vários anos. O Museu Nacional o contratou como Professor Titular, passando a trabalhar na Secção de ornitologia até 1980, quando se aposentou.

Ele fez muitas observações ecológicas sobre as aves brasileiras. Seu sonho era publicar uma obra sobre as aves brasileiras, enfeixando suas observações que fez durante quatro décadas. Isso foi conseguido em 1985, constituindo a 1ª edição da obra que estamos resenhando, publicada em dois volumes (827 pp., il.) pela Editora Universidade de Brasília, em 1985, com 3ª edição em 1988. A obra foi vertida para o inglês por William Belton em 1993 - *Birds in Brazil: a natural history* (Princeton University Press). Em 2001 foi publicada esta edição revista e ampliada por um dos seus discípulos, José Fernando Pacheco.

A obra foi adotada nos cursos de Ornitologia existentes no país, e vem contribuindo para o desenvolvimento dessa ciência no país.

Souza, Deodato. 2004. *Todas as Aves do Brasil - Guia de Campo para Identificação*. Editora Dall, Feira de Santana, 350 pp., il.

O autor é professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA. Todas as aves brasileiras estão representadas a cores, com descrição resumida de cada uma delas. As figuras facilitam a identificação das aves pelos iniciantes em ornitologia.

Em 1987 ele publicou a primeira edição dessa obra com o título de *Aves do Brasil* (Editora Itatiaia, Belo Horizonte, 159 pp., il.), com figuras coloridas e/ou em preto-e-branco.

Diz o autor (p. 5): “Este livro tem uma abordagem conservadora quanto ao problema das espécies de aves que ocorrem no Brasil. Um guia de campo não nos parece um lugar apropriado para a discussão de assuntos como a validade de registros, separação de raças geográficas e outros que sepre estão presentes quando se trata de determinar quantas

e quais são as espécies de aves de uma determinada parte de nosso planeta.” Comenta o autor que “as aves ocupam um lugar de destaque no conhecimento da natureza, constituindo uma fonte de prazer e uma ferramenta necessária para a construção de uma nova civilização, em que a cooperação entre os homens e o respeito à Criação sejam os parâmetros mais altos.”

Oliveira, Roberto Gonçalves de. *As Aves. Símbolos dos Estados Brasileiros*. Editora AGE, Porto Alegre, 180 pp., il.

O autor nasceu na cidade de Uruguaiana, RS, tendo falecido em junho de 2004. Ele era bacharel em Biologia pela Universidade do Vale dos Sinos (1975) e um dos fundadores da Sociedade Ornitológica Rio-Grandense, na qual exerceu a primeira presidência e fundou as revistas *Sulornis* e *os Anais*. Ele foi colaborador do Suplemento Rural do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. Roberto fez o primeiro levantamento da avifauna dos parques, praças e jardins públicos de Porto Alegre, assim como das aves que são encontradas na área continental urbana.

Apaixonado pelo estudo das aves, ele resolveu estabelecer as aves que representam cada estado brasileiro, tendo “como embasamento a pesquisa histórica, a presença do folclore e o conhecimento que o autor tem, ele próprio, do mundo das aves.”

Para a região norte ele escolheu arara-vermelha (Acre), flamingo (Amapá), uirapuru (Amazonas), pavãozinho-do-Pará (Pará), jacamim das costas verdes (Rondônia) e galo-da-serra (Roraima); para a região nordeste: mutum do nordeste (Alagoas), curió (Bahia), jandaia (Ceará), sabião-da-praia (Maranhão), avoante (Paraíba), tesourão (Pernambuco), surucú-de-barriga-vermelha (Piauí), ema (Rio Grande do Norte), sofrê (Sergipe); para a região centro-oeste; uiraçu-verdadeiro (Distrito Federal), inhuma (Goiás), tacha (Mato Grosso), jabiru (Mato Grosso do Sul), cigana (Tocantins); para a região sudeste: beija-flor (Espírito Santo), seriema (Minas Gerais), tucano-do-papo-amarelo (Rio de

Janeiro), sabião-laranjeira (São Paulo); região sul: gralha-azul (Paraná), quero-quero (Rio Grande do Sul) e araponga (Santa Catarina).

Para cada uma das aves o autor publica seus dados biológicos.

Olmos, Fábio e Silva, Robson. 2003 - *Guará - Ambiente, Flora e Fauna dos Manguezais de Santos-Cubatão, Brasil*. Empresa das Artes, São Paulo, 215 pp., il.

Fábio Olmos nasceu em Santos, sendo graduado em Biologia pela Unicamp, onde também defendeu tese de mestrado em ecologia. A princípio ele se dedicou a estudar mamíferos, aves e répteis, mas depois se concentrou nas aves aquáticas marinhas. Sua tese de doutorado diz respeito à biologia reprodutiva e dieta dos guarás e garças-azuis dos manguezais de Santos-Cubatão, que ele defendeu na UNESP em 2000. Ele se dedica à conservação das aves, trabalhando para o programa brasileiro da ONG BirdLife International.

Robson Silva e Silva é santista sendo formado em biologia pela Universidade Santa Cecília (1994:). Ele se dedica à conservação das aves, sendo consultor do grupo Fosfertil-Ultrafertil. Ele tem estudado as aves aquáticas marinhas nos manguezais de Santos-Cubatão, principalmente águias, gaviões e falcões. Ele é adepto da fotografia e tem obtido excelentes imagens das aves dessa região.

Olmo e Robson se uniram e escreveram o livro acima, que conta com apresentação de Paulo Nogueira-Neto. As fotografias publicadas retrataram a flora e a fauna dos manguezais de Santos-Cubatão.

Westcott, Peter Walter, Mariño, Hernán Fandiño e Anjos, Luiz dos. 2002. *Observando aves em Londrina - norte do Paraná - Brasil*. Editora da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, XIV + 76 pp., 9 figs.

Os autores (o primeiro faleceu em 1990) são professores da Universidade Estadual de Londrina, especializados em aves. Eles ensinam

onde e como observar as aves de Londrina e fornecem dados descritivos desses seres e algumas características sobre os habitats de mais de duzentas espécies. É mais um trabalho importante para o conhecimento regional das aves brasileiras.

Keynes, Richard. 2004. *Aventuras e descobertas de Darwin a bordo do Beagle*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 390 pp., il.

Richard Darwin Keynes foi professor de Fisiologia da Universidade de Cambridge e se especializou em peixes elétricos. Ele nasceu em 1918 e esteve no Brasil em 1951, fazendo estágio no laboratório de fisiologia do Prof. Carlos Chagas Filho, que então estudava o poraquê ou peixe-elétrico. Ele pretende publicar uma nova edição do livro *A Origem das Espécies*.

Ele é bisneto de Charles Darwin. Ele analisa as principais etapas da viagem que o famoso bisavô fez ao redor do mundo de 1831 a 1836. Ele dá ênfase especial à teoria da evolução, que Darwin começou a delinear após visitar o Arquipélago de Galápagos.

Keynes analisou a correspondência do avô e encontrou os desenhos feitos por Conrad Martens, que foi o artista oficial a bordo do Beagle. Esses desenhos, até agora inéditos, foram acrescentados ao livro, juntamente com a análise que fez de trechos do primeiro artigo científico de Darwin - Notas de Zoologia.

Vale a pena acompanhar a descrição da viagem de Charles Darwin.

Freitas, Marcus Vinicius de. 2002. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 282 pp., il.

Freitas é professor de Literatura Brasileira e Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. O livro é

a tese de PhD que o autor apresentou no Department of Portuguese and Brazilian Studies da Brown University, em Providence, Rhode Island, U. S. A. Ele teve a oportunidade de examinar os documentos de Charles Frederick Hartt principalmente na Carl A. Kroch Library, Division of Rare and Manuscript Collections, da Cornell University e na Ernst Mayr Library, Archives, Museum of Comparative Zoology, Harvard University.

Hartt participou de cinco expedições ao Brasil. Na primeira vez, em 1865, veio como assistente de Louis Agassiz na Expedição Thayer, aqui permanecendo quinze meses. Ele veio estudar principalmente a formação geológica da América do Sul. Analisou também a teoria de Darwin, a mitologia indígena e os estudos da língua tupi. Tudo que ele viu e analisou está contido no livro *Geologia e Geografia Física do Brasil*, publicado em inglês em 1870 e traduzido para o português em 1941.

Ele nasceu em Fredericton, New Brunswick, Canadá, em 23 de agosto de 1840. Ele estudou na Horton Academy, em Wolfville, Nova Escócia. Mais tarde ele foi estudar nos Estados Unidos, a convite de Agassiz, para completar seus estudos no recém-fundado Museum of Comparative Zoology. Aos 30 anos de idade, em 28 de março de 1870, tornou-se cidadão norte-americano. Em 1868 Agassiz ajudou a fundar, o Departamento de Geologia da Cornell University e indicou Hartt para ser professor-titular.

Com a criação da Comissão Geológica do Brasil em 1875 a sua direção foi confiada a Hartt. Infelizmente essa Comissão foi extinta em 1877. Um dos discípulos de Hartt foi Orville Adalbert Derby.

A quinta permanência de Hartt no Brasil terminou com a sua morte em 18 de março de 1877, no Rio de Janeiro.

Charles Frederick Hartt é considerado o pai da Geologia Brasileira. Além da obra supra ele publicou os *Mitos Amazônicos da Tartaruga* em 1875, com tradução portuguesa por Luís da Câmara Cascudo em 1977, obra de interesse dos folcloristas. Entre os seus artigos estão as

Notas sobre a Língua Geral ou Tupi moderno do Amazonas, traduzidas por Rodolfo Garcia em 1937.

Ferreira, Alexandre Rodrigues. 2002. *Viagem ao Brasil - A Expedição Filosófica pelas Capitânicas do Pará, Rio Negro e Mato Grosso e Cuyabá* (Documentos do Museu Bocage de Lisboa, Introdução por Carlos Almaça). Kapa Editorial, Petrópolis, volumes I (143 pp., 2 figs.) e II (iconografia - 73 figs.).

Alexandre Rodrigues Ferreira é um nome bem conhecido dos naturalistas brasileiros. Ele nasceu em Salvador, Bahia, em 27 de abril de 1756 e faleceu em Lisboa, Portugal, em 23 de abril de 1815. Ferreira estudou Filosofia Natural na Universidade de Coimbra, onde se doutorou em 1779.

Martinho de MeIo e Castro, Ministro da Secretaria dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, resolveu que o governo português deveria fazer um levantamento da fauna, flora, geografia e tribos indígenas da capitania do Grão-Pará. Para chefiar a expedição foi designado Ferreira, por indicação do seu professor Domingos Vandelli.

Ferreira percorreu as capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá de 1783 a 1792, em companhia de dois desenhistas (então chamados de riscadores) e muitos ajudantes.

Durante esses nove anos ele coletou uma grande soma de informações sobre a fauna, flora e tribos indígenas.

Ferreira escreveu muitas memórias e um diário relativos à expedição. Mas não os viu publicados pelo governo português, o que lhe causou muita amargura. Ele escreveu 20 memórias relativas à zoologia, sendo que 11 delas foram publicadas em 1972 pelo Conselho Federal de Cultura. No Museu Nacional do Rio de Janeiro e no Museu Bocage de Lisboa ficaram depositados os desenhos dos animais. Os desenhos dos animais, muito bonitos, foram reproduzidos neste livro.

O diário da viagem foi publicado na *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, volumes 48 a 51, 1885 a 1888 e integralmente em 1983 pelo Museu Goeldi.

Neiva, Arthur e Penna, Belisário. 1999. *Viagem Científica pelo Norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, Sul do Piauí e de Norte a Sul de Goiás*, Senado Federal, Brasília, pp.77-224, 28 ests., 1999.

Este é o famoso relatório de viagem científica realizada por Arthur Neiva e Belisário Penna nos sertões do nordeste em 1912. A edição original saiu nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, 8 (3), em 1916. Em 1984 a Academia Brasileira de Letras resolveu preparar uma edição fascimular, com introdução de Cassiano Nunes. O Senador Federal refez essa edição em 1999.

O livro mostra as condições climáticas da região percorrida no longínquo ano de 1912. Muitas observações científicas sobre plantas venenosas e animais como protozoários, vermes, carrapatos, insetos hematófagos, cobras, peixes, aves e mamíferos (ratos, capivaras, macacos, antas, tatus, tamanduás, onças, etc.) foram feitas pelos dois pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz. Essas observações eram originais e contribuíram para o conhecimento dessas áreas então pouco conhecidas.

A obra foi acrescida das bio-bibliografias de Arthur Neiva, escrita por Herman Lent em 1943 na *Revista Brasileira de Biologia*, Rio de Janeiro, 3 (3):273-291 (pp.XXI-XLV do livro), e de Belisário Penna escrita pelo seu filho João Fernando de O. Penna (p. XLVII-LX).

Vanzolini, P.E. *Episódios da Zoologia Brasileira*. Editora Hucitec, São Paulo, 2004, 212 pp., il.

Esta obra reúne quatro artigos que o autor publicou em diferentes épocas: A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil, originalmente publicado na *Revista USP*, 30: 190-238, 1996, tratando das obras de Georg Marcgrave (século XVII) e Alexandre Rodrigues Ferreira (século XVIII) com a lista dos animais que ele capturou na região amazônica; século XIX – missão da Bavária, representada por Johann Baptist Von Spix e Carl Friedrich Phillip von Martius: missão austríaca, composta pelo tcheco Johann Christian Mikan, pelo austríaco Johann Natterer, que percorreu o Brasil durante 18 anos, coletando

animais, e alguns pintores como Thomas Ender, Franz Joseph Frubecke e Johann Buchberger, e o naturalista alemão Giuseppe Reddi.

O autor trata também da atuação do francês Conde de Castelnau, do alemão Barão Georg Heinrich Langsdorff, fornecendo a lista dos animais coletados durante a viagem pelos rios Tietê e Amazonas. Finaliza contando o que realizou o suíço Louis Agassiz, fundador do Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard.

O segundo artigo Os contextos científico e político da Expedição Bávara ao Brasil, originalmente publicado em inglês na obra de Johann Baptist von Spix e Johann Georg Wagler – 1981 – *Herpetology of Brazil* (edição fac-similar editada pela Society for the Study of Amphibians and Reptiles).

As espécies herpetológicas coligidas por Spix e descritas por este e por Wagler são listadas com os respectivos nomes originais e os válidos atualmente.

O terceiro artigo As viagens de Johann Natterer no Brasil 1817-1835, originalmente publicado nos *Papéis Avulsos de Zoologia*, 38 (3):17-60, 1993, mostra os itinerários das viagens desse naturalista feitas no Brasil durante os seus 18 anos de permanência.

O quarto e último artigo O itinerário da Expedição Austríaca ao nordeste do Brasil em 1903 foi originalmente publicado em inglês nos *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, 64 (4):397-405, 1902.

Ihering, Rodolpho von. 2002. *Dicionário dos Animais do Brasil*. Difel, Editora Bertrand Brasil Ltda, Rio de Janeiro, 587 pp., il.

Rodolpho von Ihering iniciou sua atividade científica no Museu Paulista em 1900. Esse próprio estadual era dirigido pelo seu pai, Hermann von Ihering.

Rodolpho estudou muitas classes de animais, mas ficou mais conhecido como o pai da piscicultura brasileira, por ter introduzido o método da hipofisacção dos peixes. Também muito conhecida foi a sua participação como divulgador científico.

Ele tinha muito interesse em preparar um vocabulário zoológico para os animais do Brasil. Sua primeira tentativa nesse sentido foi publicada no *Almanaque Agrícola Brasileiro*, da revista *Chácaras e Quintais*, fundada pelo Conde Amadeu Amadei Barbiellini, em 1914, com o título de Dicionário da Fauna do Brasil ou Definição zoológica dos nomes vulgares dos animais do Brasil. Edição preliminar (vol. 3:2530320, 61 figs.). Para edição seguinte, que demoraria quase duas décadas, ele contou com a colaboração de eminentes cientistas, principalmente Oscar Monte de Almeida, que também reuniu e publicou achegas para o seu dicionário. A edição definitiva começou a ser publicada em fascículos no *Boletim de Agricultura* da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, a partir de 1931 até 1938. A Diretoria de Publicidade Agrícola publicou esses fascículos num só volume de 899 pp. em 1940. A 2ª edição surgiu graças a Zeferino Vaz em 1968, pela Editora da Universidade de Brasília. Agora surgiu a 3ª Edição pela Difel – Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 587 pp., il. Foi feita uma revisão técnica pela Denise Wilches Monsorens, que tentou atualizar os nomes científicos citados na obra. Esta obra é uma das mais importantes para o conhecimento da vida e costumes dos animais do Brasil.

Almaça, Carlos. *A Zoologia Pré-lineana no Brasil*. Museu Bocage, Museu Nacional de História Natural, Lisboa, 147 pp. il.

Carlos Almaça é professor do Departamento de Zoologia e Antropologia e Centro de Biologia Ambiental do Museu Bocage. Ele dirigiu esse museu até fevereiro de 2004.

Ele faz um histórico da história natural nos séculos XVI e XVII e analisa os relatos dos primeiros cronistas, os naturalistas pioneiros, comentários sobre os relatos quinhentistas sobre a zoologia no Brasil, os franceses no Maranhão e a obra do Frei Cristóvão de Lisboa também nessa província. Ele comenta também as obras dos naturalistas e artistas do Brasil holandês no século XVII e a colaboração de alguns viajantes e colecionados no século XVIII.

O leitor terá uma boa idéia do que ocorreu com a zoologia no Brasil antes da obra de Carlos Lineu.

Costa, Wilson J. E. M. 2002 – *Peixes Anuais Brasileiros – Diversidade e conservação*. Editora Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 238.

Wilson José Eduardo Moreira da Costa é professor do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialista em sistemática e ecologia de peixes da família dos Rivulídeos. Com o apoio financeiro da Fundação O Boticário, Wilson elaborou o presente livro, que traz informações muito importantes sobre a ecologia desses peixes, que os especialistas chamam de peixes anuais. Eles habitam lagoas temporárias criadas pela água das chuvas. Quando tais lagoas secam, os ovos ficam em repouso na lama seca, mas tão logo começa a chover eles se desenvolvem e tratam logo de se reproduzir, para surgirem novamente no ano seguinte.

Wilson já conta com outros estudiosos no assunto na própria universidade, que estão contribuindo para o melhor conhecimento dessas espécies e propondo meios para conservá-las.

Piva, Melquíades Pinto. 2004 – *Rios e peixes de águas interiores do Estado do Espírito Santo (Brasil)*. Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, Vitória, 79 pp., 5 figs.

Melquíades Pinto Paiva é um grande especialista de peixes marinhos e de água doce, autor de mais de 200 trabalhos sobre esses animais.

Poucos pesquisadores se dedicaram a estudar os peixes de água doce do Espírito Santo.

Pesquisando a bibliografia o autor encontrou 28 famílias e 154 espécies de peixes, sendo que na bacia do Rio Doce e os dados são de 14 famílias e 38 espécies.

Paiva comenta que as famílias mais representas são: Loricariidae, Pimelodidae e Characidae e que os desmatamentos e a pesca predatória vêm atuando sobre o meio ambiente. Ele mostra também a classificação das bacias hidrográficas desse Estado.

Ávila-Pires, Fernando Dias de. 1990—*Fundamentos Históricos da Ecologia*. Holos Editora, Ribeirão Preto, 278 pp.

Fernando Dias de Ávila-Pires é um dos poucos mamalogistas brasileiros. Ele é licenciado em História Natural pela antiga Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 1958. Teve seu aprendizado em mamalogia com João Moojen de Oliveira, no Museu Nacional do Rio de Janeiro, e trabalhou em divrsas instituições brasileiras, localizadas no Rio de Janeiro, Belém, Belo Horizonte, Campinas e Florianópolis. Foi Research Associate do American Museum of Natural History e consultor de curto prazo da Organização Panamericana de Saúde, no Peru, quando escreveu os *Princípios da Ecologia Médica* (México, 1977). Atualmente é membro do grupo de pesquisa sobre a história da medicina do Prof. François Delaporte, da Universtié de Picardie, professor-visitante do INSRM, de Paris, e Professor Titular (aposentado) do Departamento de Medicina Tropical do Instituto Oswaldo Cruz, lotado na Universidade Federal de Santa Catarina. Ele é autor de cerca de 100 artigos sobre zoologia, ecologia animal e humana, e história da ciência, tendo sido orientador de cerca de 30 teses de mestrado e doutorado. Com toda essa bagagem cultural ele lançou o livro *Fundamentos Históricos da Ecologia*.

Ele lembra que a França foi o local onde se discutiram os conceitos que sustentam a ecologia moderna, graças aos trabalhos de Lavoisier, Pasteur e Claude Bernard. O autor pesquisou as fontes originais da ecologia, termo criado por Ernst Haeckel. Ele mostra que muitas doenças estão relacionadas com a ecologia.

O livro trata da origem e desenvolvimento dos conceitos básicos da ecologia e das idéias que levaram ao desenvolvimento dessa

ciência e mostra os avanços que a ciência teve no Brasil, no século XX. No opúsculo que ele escreveu com Mário Beuarepaire Aragão – *A Ecologia no Brasil na primeira metade do século XX* (Panorama, Rio de Janeiro), encontra-se, nas pp. 7-23, 1994, o seu artigo – A ecologia até 1960 – A contribuição brasileira – que complementa o livro resenhado.

É um livro destinado aos que estudam ecologia tanto em nível de graduação quando de pós-graduação.

Pellegrini Filho, Américo. 2000 – *Dicionário Enciclopédico de Ecologia & Turismo*. Editora Manole, São Paulo, xi + 307 pp., il.

Neste dicionário o autor procura associar ecologia e turismo, mostrando, em ordem alfabética, todos os termos que dizem respeito a esses dois temas. Após cada verbete encontram-se as abreviaturas E e T, ou ambas juntas, designando respectivamente ecologia e turismo. Em alguns casos foram acrescentadas informações sobre a etimologia de cada palavra. Quando se trata de termos estrangeiros o autor acrescenta a sua origem. O leitor encontrará alguns termos novos, apropriados à ecologia e ao turismo.

Américo é Professor Titular da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, onde o eco-turismo é ministrado.

La Condamine, Charles Marie de . 2000 – *Viagem na América Meridional descendo o Rio das Amazonas*. Senado Federal, Brasília, 204 pp.

O senado Federal criou a Coleção O Brasil visto por Estrangeiros. Uma das obras escolhidas foi o de La Condamine (1701-1774). La Condamine partiu de La Rochelle em 16 de maio de 1735, com membros da Academia das Ciências de Paris. A expedição passou por São Domingos, Cartagena e Puerto Bello e depois atravessou o Istmo de Panamá, chegando às costas peruanas em 9 de maio de 1736. Interessa-nos a parte referente

ao Brasil: La Condamine conseguiu permissão do governo português e desceu o rio-mar, desde Jaén de Bracamoros até Belém do Pará, conseguindo levantar a carta do curso do Amazonas das nascentes até a foz. Ele também estudou algumas plantas do Novo Mundo, entre as quais a chinchona e o caúcho.

A primeira edição da obra de La Condamine – *Rélation abrégée d'un Voyage dans l'interieur de l'Amerique méridionale, depuis la cote de la mer du Sud jusqu'aux cotes du Brésil e de la Guinane, em descendant la rivière des Amazonas*, Chez la Veuve Pissot, Paris, XVI+216 pp., 1745, *avec une carte du Maragnón ou de la rivière des Amazones, levée par le même.*

A obra trata das viagens feitas pelo rio das Amazonas por outros autores, rios, cachoeiros, costumes e língua dos índios, etc. Trata também dos peixes, tartarugas, jabutis, peixe-boi, coatis, sagüis, cascaveis, cobra-coral, tucanos, araras, papagaios, condor, etc.

Baena, Antônio Ladislau Monteiro. 2004 – *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará*. Senado Federal, Brasília, 431 p.

Baena foi Cavaleiro da Ordem Militar de São Bento de Aviz e Sargento-mor de Artilharia.

A obra acima é considerada uma pequena enciclopédia do Pará e foi publicada em 1839 pela Typographia de Santos & menor, em Belém. Essa primeira edição é hoje raríssima e em boa hora a gráfica do Senado Federal resolveu reeditá-la.

Após tratar do clima da região, o autor mostrou os vegetais mais importantes, com os seus nome vulgares, sua descrição sumária e sua utilidade. A seguir estuda os animais quadrúpedes, aves, peixes, mariscos, répteis, anfíbios, crustáceos, insetos, moluscos, etc.

O autor também mostrou dados estatísticos da população e estudou os rios que cortam a província.

d'Abbeville, Padre Claude. 2002 – *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças*. Editora Siciliano, São Paulo, 363 pp. 4 figs.

A França tentou conquistar a Ilha do Maranhão em 1612. Em março desse ano três naus deixaram a França rumo à ilha do Maranhão. Alguns capuchinhos estavam a bordo, cuja missão era a de catequisar os nativos. Um deles era o Padre Cláudio d'Abbeville (15?-1616), que se encantou com essa região e escreveu o livro *Histoire de la mission des peres capucins em l'isle de Maragnan et terres circonvoisines, ou est Traicte des singularitez admirables & des meurs merveilleuses des indiens habitants de ce pais avec les missives et advis qui ont este envoyez de nouveau*, publicado em 1614 pela Imprimerie de François Huby (394 pp., 7 figs.), com 2ª edição no mesmo ano. Há uma edição publicada em francês pela Akademische Druck, Áustria, xliii + 416 pp., 1963). A primeira edição em português foi publicada pela Typographia de Frias em 1874 (xvi + 456 pp.) (tradução por César Marques). Foi feita uma tiragem de 100 exemplares em fac-símile em 1922 (Librairie Ancienne Édouard Champion, xxiv + 394 pp., com prefácio de Capistrano de Abreu e notas de Paulo Prado; a 3ª edição foi publicada pela Livraria Martins em 1945 (296 pp.) (tradução de Sérgio Milliet, com introdução e notas de Rodolfo Garcia). A 4ª edição saiu pela Editora Itatiaia em 1975 (Belo Horizonte, 297 pp.).

Abbeville descreveu os índios e seus costumes, assim como os animais aquáticos e terrestres encontrados no Maranhão.

d'Evreux, Yves. 2002 – *Viagem ao norte do Brasil Feita nos anos de 1613 a 1614*. Introdução e notas de Mr. Ferdinand Denis, traduzida por César Augusto Marques. 3ª edição. Editora Siciliano, São Paulo, 436 pp.

Yves d'Evreux nasceu na França em 1577 e lá faleceu em 1650. Ele chegou no Maranhão junto com o Padre Cláudio d'Abbeville e na volta ao seu país escreveu o livro *Suite de l'histoire des choses plus memorales advenués em Maragnan és annés 1613 et 1614*, publicado em 1615. Dessa edição só restaram dois exemplares, destruída que foi por motivos políticos.

Ferdinand Denis, de posse do único exemplar conservado na Biblioteca Imperial de Paris, promoveu a 2ª edição com o título modificado para *Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614* (Livrairie A. Franck, Paris, xlv + 456 pp., 1864). Dez anos depois surgia a edição em português, traduzida por César Augusto Marques, com o título *Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614* (Typographia do Frias, Maranhão, xlv + 424 pp., 1874). Nova edição foi feita em 1929 pela Livraria Leite Ribeiro, Rio de Janeiro, 442 pp., 1929. Surge agora a 3ª Edição brasileira, anotada aos cuidados de Sebastião Moreira Duarte.

Abbeville havia permanecido apenas quatro meses no Maranhão, ao passo que Evreux ficou dois anos. Na Advertência ao Leitor o autor escreve: “Advirto-vos que não repetirei aqui coisas já escritas pelo Padre Cláudio d’Abbeville na sua *História*, e somente acrescentarei o que mais do que ele soube por experiência..” É por isso que o título original do livro era *Continuação da história das coisas mais memoráveis havidas em Maranhão nos anos de 1613 a 1614*. Ele estudou com mais detalhes a vida dos índios tupinambás, dando-nos informações sobre a sua cultura. Dá particularidades sobre as árvores e os animais (ratos, formigas, lagartixas, aranhas, cigarras, mosquitos, grilos, camaleões, moscas, onças, agias, macacos, etc.). Como a missão dos capuchinhos era a de catequisar os índios, Evreux mostra como conseguiu batizar seus filhos e alguns adultos.

O livro encerra muitas inverdades na parte zoológica que Affonso de Taunay aproveitou para mostrá-las no seu trabalho *Monstros e monstregos do Brasil*, publicado na *Revista do Museu Paulista*, tomo XXI, em 1937 (134 pp. + 26 il., separata).

Gandavo, Pedro de Magalhães de. 2004 – *A Primeira História do Brasil – História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Texto modernizado e notas de Sheila Moura Hue e Ronaldo Menegaz. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 207 pp., il.

A 1ª Edição da *História da província Santa Cruz* foi publicada por Antônio Gonçalves em Lisboa em 1576. Ela só foi reeditada no século

XIX pelo francês Henri Ternaux. Nova edição em português só apareceu em 1858, tanto em Portugal quanto no Brasil. Atribui-se o esquecimento da obra ao zelo que tinha o governo português em não divulgar as riquezas existentes no Novo Mundo.

Gandavo explica como foi descoberta a terra de Santa Cruz e descreve as capitanias e povoados então existentes e dá ciência das plantas, animais e indígenas encontrados. Em notas de rodapé as organizadoras fornecem a identificação dos componentes da flora e da fauna.

É muito interessante ler esse livro, que trata dos 76 anos desde o descobrimento do Brasil, então chamado de Santa Cruz.

Paiva, Melquíades Pinto. 2004 – Ecologia do Cangaço. Editora Interciência, Rio de Janeiro, ix + 74 pp., 45 figs.

Melquíades Pinto Paiva é agrônomo que se especializou no estudo de peixes de água doce e marinhos, assim como crustáceos. Ele publicou uma dezena de livros sobre peixes, biografias de cientistas e muitos artigos sobre a história da ciência zoológica no Brasil. Como passatempo ele tem estudado os cangaceiros.

Diz o autor na Apresentação: “Este livro representa a realização de antigo sonho, embora em dimensão bem menor do que foi desejado. Trata das relações do cangaço com o meio ambiente das caatingas, nordeste do Brasil.” Na preparação do livro ele examinou toda a literatura referente ao cangaço e informa não ter “a ilusão de haver produzido obra original, no seu conteúdo, mas tão somente um resumo do que encontramos na literatura pertinente aos assuntos tratados.”

O assunto é tratado em quatro capítulos: 1) Tempo e espaço do cangaço: 2) Gente do cangaço: 3) Vida no cangaço: 4) Guerrilhas do cangaço.

Mindlin, José. 2004 – *Memórias esparsas de uma biblioteca*. Escritório do Livro, Florianópolis e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 125 p.

José Mindlin é o mais conhecido bibliófilo brasileiro e tem-se empenhado em “inocular o vírus da paixão pelos livros no maior número possível de pessoas”.

Em 1997 ele publicou *Uma vida entre livros – Reencontros com o Tempo* (Edusp e Companhia das Letras, São Paulo, 231 pp., il.) contando aos leitores como é que ele começou a colecionar livros. Muitos casos interessantes foram narrados por ele, quando da obtenção dos seus livros mais raros.

Cléber Teixeira, na apresentação deste opúsculo, informa que “Muito se tem a falar sobre bibliófilos e bibliotecas. E mais ainda tem José Mindlin a dizer sobre a formação da sua biblioteca, fruto de uma paixão correspondida pelos livros, de um esforço bem sucedido de formação de um acervo fabuloso, valiosíssimo, hoje privado mas que por iniciativa da família Mindlin deverá ocupar um prédio próprio no campus da USP (sob a responsabilidade de uma fundação criada por José Mindlin que, com a USP, administrará a biblioteca). A transferência da biblioteca (ou parte dela) para um espaço público permitirá que um número maior de pesquisadores faça uso do seu acervo, ampliando desse modo o grupo de estudiosos que Mindlin, generosamente, recebe em sua casa/biblioteca (um lugar acolhedor, mágico, inesquecível, refúgio e local de trabalho de escritores, bibliófilos, historiadores, gente do livro, leitores do Brasil e do resto do mundo, estudiosos que lá, e muitas vezes só lá, encontram os livros que precisam).

Dentro em breve todos os estudiosos do país e do estrangeiro terão a liberdade de frequentar essa biblioteca que ficará localizada num terreno da Cidade Universitária de São Paulo.

Kikuchi, Tereza (organizadora) – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004 (com DVD)

O conhecido bibliófilo José Mindlin já editava a revista do Colégio Rio Branco, em São Paulo, onde estudou na década de 20. Conta

Kikuchi que Minglin começou a publicar livros de arte quando já era industrial, a partir de 1951, com a obra de Rainer Maria Rilke – *Elegias de Duíno*, com ilustrações feitas por Oswaldo de Andrade Filho. Ele editou também outras obras, como a de Octávio Paz – *Constelação*. As suas experiências editoriais foram gravadas em DVD, com direção de Raimo Benedetti.

Antunes, Cristina. 2004 – Memórias de uma Guardadora de Livros Escritório do Livro e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 150 pp.

A autora trabalha como conservadora da biblioteca particular de José Mindlin há mais de 20 anos. Ela conta qual sua rotina de trabalho nessa biblioteca. Cristina digitalizou todos os títulos que compõem o acervo, para facilidade de consulta. Conta também seu contacto com pesquisadores nacionais e estrangeiros, que procuram estudar os livros raros que praticamente só se encontram nessa biblioteca.

A paixão de Cristina é de possuir os folhetos de cordel, publicações muito comuns principalmente no nordeste. Ela tem participado de exposições de livros, ilustrações, etc., a pedido de algumas organizações literárias e/ou artísticas, mostrando o acervo dessa biblioteca.

O opúsculo é agradável de se ler, escrito que foi em estilo simples. Ela se define “como uma pessoa que busca constantemente conhecer e aprender, e ter uma consciência profissional que me leva a partilhar com o pesquisador o que existe de disponível e de que eu tenha conhecimento. Acho que nossa função não é dissimular o livro, não é sonegar a informação, é mostrar o que existe e promover o intercâmbio entre os pesquisadores. Isso proporciona um enriquecimento enorme, porque você também recebe de volta. É uma troca”.

Vannucci, Marta. 2003. *Os Manguezais e Nós*. 2ª Edição. Editora da Universidade de São Paulo, 244 pp. + 68 figs.

Marta Vannucci é formada em História Natural pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde foi

professora de Zoologia. Depois ela passou a trabalhar no Instituto Paulista de Oceanografia, que mais tarde mudou de nome para Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, como oceanógrafa, chegando a diretora da instituição. A convite da UNESCO ela foi trabalhar na Índia, com sede em Nova Delhi. Sua especialidade sempre foi o estudo do zooplâncton, em especial os enidários.

A UNESCO mantém Programas Regionais sobre Manguezais e Ásia e do Pacífico e Marta foi assessora técnica chefe durante alguns anos, até a sua aposentadoria.

Reunindo tudo que se sabe sobre os manguezais, com base em suas próprias observações e naquelas existentes na literatura especializada, ela escreveu a primeira edição do livro em 1986, que foi publicada com o título *The Mangroves and Us: A Synthesis of Insights*.

A versão brasileira foi feita por Denise Navas-Pereira em 1999 e contém um capítulo sobre os manguezais do Brasil, escrito por Luiz Drude de Lacerda, da Universidade Federal do Ceará (pp.193-205).

Os manguezais são importantes para os seres vivos, pois são os locais onde se criam peixes, moluscos, crustáceos, etc., sendo que parte da vegetação é aproveitada pelos seres humanos (pp.178-181).

Araújo, Alceu Maynard. 2004 – *Folclore Nacional I – Festas, bailados, mitos e lendas*. Martins Fontes, São Paulo, 591 pp.; *II – Danças, recreação e mágica*. 588 pp., il.; *III – Ritos, sabença, artes populares e técnicas tradicionais*. 546 pp., il.

Alceu Maynard Araújo foi um dos mais importantes folcloristas brasileiros, figurando ao lado de Luís da Câmara Cascudo e Rossini Tavares de Lima. Ele nasceu na cidade de Sorocaba, SP, em 21 de dezembro de 1913 e faleceu na capital paulista em 23 de fevereiro de 1974.

Ele era graduado em Direito e em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade de São Paulo e tinha o título de Doutor em Antropologia Social.

Araújo fazia pesquisas periódicas no Estado de São Paulo, notadamente em São Luís do Paraitinga e adjacências, e também no nordeste. Seus artigos eram publicados principalmente na *Revista do Arquivo Municipal*, de São Paulo, podendo-se destacar alguns ritos mágicos - “Abusões”, feitiçaria e medicina popular (n. 161:45-148, 1958), Ciclo agrícola, calendário religioso e magias ligadas à plantação (n. 159:5-155, il., 1957) e Escorço do folclore de uma comunidade (n. 166: 133-368, 1962 e n. 167:97-329, 1962).

A sua principal obra é a presente cuja 1ª edição foi publicada pela Melhoramentos em 1964, em 3 volumes, com 2ª edição em 1967. A presente constitui a 3ª edição.

Como informa o subtítulo de cada volume o autor trata das festas, bailados, mitos, lendas, danças, recreação, mágicas, ritos, sabença, artes populares e técnicas tradicionais. Tudo que o estudioso do folclore brasileiro precisa saber foi incluído na obra, que é profusamente ilustrada.

Na apresentação Herbert Baldus, escreve: “A presente obra é, novamente, um verdadeiro Alceu; antes de mais nada, suas experiências pessoais nas diversas partes do Brasil, especialmente do estado de São Paulo, e entre várias espécies de seus habitantes, de preferência entre os caipiras. Ensina a todos os que ainda querem sonhar numa época de intolerante mecanização: na vastidão deste país há tesouros já quase ocultos que não se podem obter com os sentidos ingenuamente abertos. Alceu Maynard Araújo é um grande descobridor dessa riqueza da Pátria”, finaliza o apresentador.

Silva, Marcos. (org.). 2003. *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFCLH/SP, FAPESP; Natal: EDUFRN e Fundação José Augusto, 327 pp.

O organizador Marcos Silva é professor de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Letras Humanas da Universidade de São Paulo.

Luís da Câmara Cascudo foi o mais importante estudioso da cultura popular brasileira. Ele escreveu 127 livros e centenas de artigos. O organizador obteve a colaboração de muitos professores de várias universidades brasileiras, cada um deles analisando determinados livros de Câmara Cascudo. Cascudo abordou temas como cultura popular, geografia, religião, literatura, política, religião, etc. O próprio Cascudo explica porque (1968): “Queria saber a história de todas as coisas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar das Estrelas, dos morros silenciosos, Assombrações. Mistério. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia”.

Os livros são analisados por ordem alfabética dos seus títulos.

Cascudo, Luís da Câmara. 2004 – Civilização e Cultura – *Pesquisas e notas de Etnografia Geral*. Global Editora, São Paulo, 727 pp.

Os temas abordados nesta obra dizem respeito à etnografia, matéria que o autor lecionou na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde agosto de 1955 até junho de 1963.

Baseado nas opiniões de especialistas Cascudo dá a definição de etnografia. Uma dessas opiniões é de Robert Lowie: “A etnografia é a ciência que trata das culturas dos grupos humanos.”

Cascudo informa que a tendência atual é a “agrupar na antropologia os métodos atinentes ao estudo do Homem, estrutura física, acomodação humana, interdependência social, formação e desenvolvimento da cultura”.

Em diversos capítulos o autor estuda o conceito, evolução e doutrinas da etnografia, a origem das culturas no paleolítico, epipaleolítico e neolítico, pré-história e proto-história, escola clássica e histórico-cultural, elementos de estabilidade humana, caça, pesca, domesticação de animais, agricultura, alimentação, comércio, transportes, economia,

indústrias milenárias, religião, antropofagia, dança, instrumentos musicais, medicina, etc., dando um amplo panorama dos assuntos estudados por essa disciplina.

Papavero, N., Teixeira, D. M., Overal, W. L. e Pujol-Luz, J. R. 2002. *O Novo Éden – A Fama da Amazônia Brasileira Nos Relatos de Viajantes e Cronistas desde a Descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1777)*. 2ª edição, revista e ampliada. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 429 pp., il.

Os autores tratam das obras relacionadas com a fauna amazônica, nas quais os cronistas dos séculos XVI, XVII e XVIII mencionam pela primeira vez os animais dessa região. São tratadas as obras de Pinzón (1509), Diogo Nunes (1538), Frei Gaspar de Carvajal (1541 – 1542), Francisco Vázquez (1559 – 1561), William Davies (1614), Claude d’Abbeville (1614), Frei Cristóvão de Lisboa (1627), André Pereira (1616), Symão Estácio da Sylveira (1618), John Day (1632), Pedro Teixeira (1637-1639), Padre Alonso de Rojas (1629), Padre Cristóbal de Acuña (1641), Frei Laureano de la Cruz (1647-1651), Padre Antônio Vieira (1654), João de Sotto Mayor (1656), Maurício de Heriarte (1662), La Sainte Colombe (1679), J.J. Becher (1669), João Felipe Bettendorff (1694-1698), Vitoriano Pimentel (1705), Woodes Rogers (1712), La Condamine (1743), José Gonçalves da Fonseca (1749), Tratado de Madri (1750), Quatro Relatos Anônimos dos anos 50 do século XVIII, João de São Joseph Queiroz (1761-1763), José Monteiro de Noronha (1768), Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (174 - 1775) e João Daniel (1758-1776).

Muitos desses documentos são divulgados ao grande público pela primeira vez.

Teixeira, Dante Martins & Papavero, Nélson. 2002. A viagem de Vicente Yáñez Pinzón (1499-1500) e o primeiro relato sobre a história natural do Brasil, segundo as “Décadas” de Pietro Martire de Anghiera. Rio de Janeiro, *Publicações do Museu Nacional*, (93):1-48, il.

Alguns autores tratam da viagem realizada por Vicente Yáñez Pinzón de 1499 a 1500, segundo Teixeira & Papavero. Pinzón foi o primeiro europeu a atingir o solo brasileiro, antes de Pedro Álvares Cabral. O relato de sua viagem se encontra nas obras de Pietro Anghiera – *Oceni Decas*, de 1511 e *De orbe nouo Decades* (1516). Outra versão se encontra na obra *Paesi Nuuamente retrouati*, de 1507, de Montalboldo.

Segundo diversos historiadores, Pinzón teria visitado o norte do Brasil e encontrado diversos produtos naturais (plantas, animais, minerais). Segundo o relato dessa viagem o primeiro animal encontrado no Novo Mundo foi um marsupial, *Didelphis marsupialis*.

Garay, Irene & Dias, Bráulio. 2001. *Conservação da Biodiversidade em Ecossistemas Tropicais – Avanços conceituais e revisão das novas metodologias de avaliação e monitoramento*. Editora Vozes, Petrópolis, 430 pp., il.

A biodiversidade associa a biologia com as ciências do homem.

Há um Programa Nacional de Biodiversidad Biológica, que mostra a relação que existe entre a utilização dos recursos biológicos e o desenvolvimento sustentável.

As condições sócio-econômicas e políticas estão ligadas à diversidade, genética, diversidade de espécies e diversidade de ecossistemas. Para se estudar a biodiversidade lança-se mão da taxonomia, ecologia, genética e geografia.

O livro está dividido em seis partes: contexto internacional e nacional e demanda de informação; Processos e pressões antrópicas que degradam a biodiversidade: estudos de caso; Diversidade de espécies e o uso de novas técnicas de estudo de comunidades; Diversidade genética e o uso de novas técnicas moleculares; Diversidade de ecossistemas e paisagens e o uso de novas técnicas de sensoriamento remoto e marcadores radioativos; Abordagens integradoras. Dentro de cada parte os

especialistas de diversas instituições brasileiras dão as suas opiniões sobre os assuntos abordados.

Miranda, Evaristo Eduardo de. 2004. *O Descobrimento da Biodiversidade – a ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI*. Edições Loyola, São Paulo, 153 pp.

O autor é graduado em agronomia e possui os títulos de mestre e doutor em Ecologia pela Universidade de Montpellier, França. Por algum tempo exerceu a função de professor doutor do Departamento de Ecologia da Universidade de São Paulo, passando depois a ser pesquisador da Embrapa-Monitoramento por Satélite.

Ele é especialista em avaliar os recursos naturais e sócio-econômicos do trópico semi-árido.

Para compreender melhor o presente e o futuro da biodiversidade o autor retorna ao passado, historiando o descobrimento desse assunto através do exame dos textos dos cronistas e jesuítas que aqui estiveram. Assim, ele analisa os textos de José de Anchieta, Gabriel Soares de Souza, André Thevet, Jean de Léry, Claude d'Abbeville, Ambrósio Fernandes Brandão, Fernão Cardim, Cristovão de Lisboa, Vicente do Slavador, Pero de Magalhães de Gandavo, Gaspar Afonso e Francisco Soares, todos do século XVI e tece considerações interessantes.

Miranda, Evaristo Eduardo de. 2003. *Natureza, Conservação e Cultura – Ensaio sobre a Relação do Homem com a Natureza no Brasil*. Metalivros, São Paulo, 179 pp., il.

O livro trata das atividades da ONG Pró-Carnívoros, mostrando a relação entre o homem e a natureza, que se foi estabelecendo desde o descobrimento do Brasil, como mostram os relatos dos cronistas, missionários, viajantes e naturalistas. Essa relação é tratada por meio das fotografias obtidas por Adriano Gambarini.

O autor do texto, Evarito Miranda, é agrônomo e pesquisados da Embrapa Monitoramento por Satélite (Campina, SP) e ele já percorreu quatro continentes estudando seus eco-sistemas.

É uma obra digna de ser lida por todos aqueles que apreciam a Natureza.

Araújo, M. E. de., Teixeira, J. M. C. e Oliveira, A. M. E. de. 2004. *Peixes Estuarinos Marinhos do Nordeste Brasileiro*. Editora Universitária UFPE e Editora da UFC, Fortaleza, 260 pp., il.

As três autoras prepararam este guia ilustrado para identificar espécies de peixes dos estuários marinhos do nordeste. As três são graduadas em Ciências Biológicas. Os exemplares estudados fazem parte de uma coleção ictiológica reunida pelas autoras nos ambientes estuarinos desde 1970 e se acha depositada no Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará. Foram registradas 104 espécies mais comuns, que fazem parte de 40 famílias. As características merísticas e descrição geral de cada espécie e uma ilustração de cada uma delas permite a fácil identificação científica delas. É um manual muito útil para quem se inicia em ictologia.

Oliveira-Costa, Janyra. 2003. *Entomologia Forense – Quando os insetos são vestígios*. Millennium Editora, Campinas, 257 pp., il.

A autora é graduada em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Gama Filho. Ela é especialista em perícia criminal e possui os títulos de Mestre em Ciências Biológicas (Zoologia) e de Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O livro acima faz parte do *Tratado de Perícias Criminalísticas*, organizado por Domingos Tocchetto.

A Entomologia Forense é o uso da biologia dos insetos para esclarecer a época da morte dos seres humanos e/ou animais e foi iniciada pelos chineses em 1235, para esclarecer um homicídio (*The washing away of wrongs*, por Sung Tz'u).

Na França Mégnin escreveu o livros *La Faune des Cadavres*, publicado em 1894, tornando conhecida a nova ciência. É nesse livro que os insetos que são encontrados em cadáveres foram divididos em oito grupos, que abrangem um período de três anos, incluindo todos os insetos que participam do processo da decomposição.

No Brasil os trabalhos nessa área foram iniciados por Edgard de Roquete Pinto em 1908 (fauna cadavérica do Rio de Janeiro), seguido por Hermann Luederwaldt em 1911 (os insetos necrófagos paulistas) e Oscar Freire em 1914 (fauna cadavérica da Bahia) e 1923. Sobre os besouros necrófagos Samuel Pessoa e Frederico Lane publicaram uma extensa, monografia em 1941, bem ilustrada.

Essa ciência tem servido de grande auxiliar na elucidação da época da morte de pessoas, principalmente nos Estados Unidos. No Brasil a sucessão de insetos que aparecem em carcaças de ratos foi determinada por Monteiro Filho & Penereiro em 1987 e o de porcos por Sousa em 1994, dando impulso à entomologia forense no país.

Os primeiros insetos que aparecem sobre as carcaças são os dípteros das famílias Calliphoridae e Sarcophagidae. A outra ordem de insetos a aparecer é a dos Coleoptera (besouros), representada pelas famílias Carabidae, Cleridae, Dermestidae e Scarabaeidae.

O livro dá noções de entomologia geral, a entomologia forense e suas aplicações, metodologias de estimativa do índice pós-morte (IPM), metodologias de coleta e criação, estimativa de IPM pela entomologia, padrão de sucessão entomológica, dípteros e coleópteros de interesse forense no Brasil, outros grupos de interesse forense no Brasil, o DNA e a toxicologia na entomologia forense.

